

A SAUVANDE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 30 de Março de 1856.

N. 8.

LITTERATURA.

Os meus sonhos

OU

A HERANÇA DE MEU TIO

NOVELLA.

Era eu então ainda moço, e, todo entregue ás ardentes preocupações do presente, despresava completamente o passado. Altivo, como todas as pessoas da minha idade, dotado de forças ainda não gastas nem experimentadas pela vida, de nada duvidava, regosijava-me de ter nascido na nossa época, e admirava-me nos meus contemporaneos. Quando volvia os olhos para o passado, não via senão preconceitos, superstições ou servilismo; a minha geração parecia-me abrir na realidade a historia, e carregar com o mundo como Atlas.

D'aqui se originaram os meus soberbos desdems por tudo quanto não era do nosso tempo. Escarnezia das modas antigas, as velhas usanças faziam-me alçar os hombros, e fugia das pessoas de cabellos brancos! Orphão quasi desde o berço, tinha crescido no meio de companheiros da minha idade, sem parentes e sem amigos, cujo affecto podesse reconciliar-me com a velhice: por isso ella me desagradava igualmente nas pessoas e nas cousas; quando não me fazia rir, causava-me medo. A minha existencia era alegre, ainda que longe da patria querida, trilhando a espinhosa carreira da vida. Arrebatado pela actividade febril da moderna sociedade, sentia prazer em fazer n'ella as minhas provas. Semelhava-me ao joven nauta, que se diverte em luctar com as ondas; mas por vezes o cansaço sobrevinha, e os meus desejos eram então de encontrar uma praia do meu Portugal, onde me assentasse, e um raio de sol para me aquecer. Encerrado nos limites de uma estreita mediocridade, desejaria possuir essas azas de ouro, que fazem vencer as distancias. Obrigado a cuidar sobretudo em mim para viver, queria ter vagar de pensar nos outros para os

servir. Um inesperado acontecimento veio arrancar-me aos meus trabalhos, foi um sonho que tive: soube a morte de um tio do qual nunca tinha ouvido fallar, e que me deixava uma herança. A carta do tabellião reclamava a minha presença, como indispensavel para apressar a tomada de posse.

Foi por tanto preciso decidir-me a tomar lugar em um paquete, que tinha de me conduzir a Lisboa, para ir depois á aldeia outr'ora habitada pelo defunto.

A viagem não foi muito boa por causa da tempestade, fui feliz porque cheguei a Lisboa a salvo.

Preparei-me pois para uma jornada, depois de admirar a minha capital.

A jornada fez-se felizmente: um bello sol de outono alumia o campo, e os bosques estavam ainda coroados pelas suas ultimas folhas. Fallando a verdade, não me desagradou a provincia até que cheguei a ***

Mas ali disseram-me que era preciso deixar a liteira, e ir até á povoação onde era esperado; eram duas leguas que tinha que andar por montanhas e caminhos transversaes, bastantemente estragados pelas chuvas precedentes! O dia começava a declinar, e uma fria neblina de outubro se estendia já pelo fundo do valle. Puz-me a caminho, com bastante mão humor, dando ao diabo os montes escabrosos por não estar acostumado a viajar por grutas, aonde de continuo uiva o lobo.

Infelizmente as indicações que me deram quando deixei a liteira foram insufficientes; todas as veredas existentes atravez das vinhas e dos montes tinham para mim o mesmo aspecto, perdi-me muitas vezes, e era já noite quando cheguei á povoação.

Um homem, que encontrei, me disse que a senhora Felicidade (era a governante) estava orando na igreja. Foi preciso pois esperar o seu regresso, passeando no pateo com as mãos mettidas nos bolsos, e o nariz enterrado na golla do meu paletó.

Esta sentinella, que fiz á porta da minha propria casa, seria divertida, senão fosse o cansaço e a nevoa que insensivelmente se transformava em chuva fina. Estava com a paciencia quasi es-

gotada, quando finalmente appareceu uma velha criada com um ar meio burguez, e que eu reconheci pelo livro das horas, acompanhada de um enorme roزاریo que trazia na mão.

Vendo um desconhecido em pé junto ao limiar da porta, parou e perguntou-me o que pretendia.

—Senhora Felicidade, respondi todo a tremer de frio.

—Quereis dizer *minha*! replicou a velha com voz aspera; sou eu; e o que deseja o senhor?

—Primeiro, que me abra esta porta, disse eu; segundo, que me forneça meios para me enchugar.

E, para prevenir qualquer outra objecção, disse o meu nome.

Logo que isto fiz, esperava que a velha criada se desfizesse em satisfações; mas quai, com grande espanto meu, vi que começou a olhar-me com uma especie de suspeitosa hostilidade.

—Ah! o senhor é o herdeiro! exclamou ella com voz pausada; então vou prevenir o tabelião.

—Com mil diabos! disse eu impacientado; tratemos primeiro que tudo de nos abrigar, entremos, senhora Felicidade.

—Desculpe-me; confiaram-me a guarda da casa, respondeu resolutamente a velha; quero salvar a minha responsabilidade. O senhor póde ahi ficar; porque o senhor Diogo decidirá o que devo fazer.

E, sem esperar resposta, virou costas e sumio-se por uma viella.

SERPA PINTO.

(*Continúa.*)

MATHILDE.

VI.

Quer que lhe repita, como meu sobrinho, que esta amizade se manterá sempre firme, e sempre a mesma?! É inutil meu caro amigo; eu lhe agradeço desde já, e conte tambem comigo.

Vamos lá disse o pai de Henrique, pertence-me a vez; dizem que eu sou um homem reservado, e que poucas vezes me revelo; porém uma vez que todos se pronunciam em seu favor, pela minha parte lhe desejo ha muito, uma amizade de pai. Obrigado, obrigadoo! exclamou Carlos commovido, oh! continuou elle sensibilisado em extremo, reputo-me agora tão forte e orgulhoso que serei capaz d'arrostar as furias de todos os assassinos nascidos e por nascer!... Já vêdes meu tio, que eu não sou tão máo como me pintaes. ... Ora deixemo-nos de cousas tristes, conti-

nuou Carlos, pegando na mascara que pouco antes deixára cahir, tenho muito tempo para achar o malvado, que assassinou meu infeliz pai; entretanto envidemos todos os esforços para tornar felizes aquelles que soffrem... E Carlos lançava a furto um olhar a Luiza, que lhe impoz silencio com outro. O Sr. Rego assistia silencioso a esta scena, mas como todos sabiam, a sua amizade por Carlos não precisava de ser insinuada, além disso elle esperava que o voluvel mancebo, rematasse a conversação por alguma das suas extravagancias.

Não se enganava. Carlos foi sentar-se em um banco de madeira, que ficava fronteiro ao lugar em que estava Luiza, e principiou a brincar com um bonito cão de raça mestiça. Vem cá tolo, vaes apanhar, por não me teres cumprimentado segundo o costume. Olá! vamos, a pé! Sr. doutor continuou elle fallando com Henrique, faz-me favor de sentar-se aqui?! Este obedeceu, e sentou-se ao lado de Carlos. Mondego, cumprimenta aqui o Sr. O complascente animal levantou as mãos, e inclinou duas vezes a cabeça. Não é isso que lhe ensinei, quero o cumprimento de etiqueta. Tres saudações, vamos, principie de novo.

O animal prestou-se a tudo. Agora Sr. Mondego, recommendo-lhe que preste muita attenção a este Sr.; quero que, todas as vezes que o encontrar, lhe faça as tres saudações costumadas, quando não... puche!... O docil cão virou de bordo, e foi deitar-se perto de Luiza. As pessoas presentes acompanhavam esta scena com uma attenção tão particular, como os admiradores de *Cagliostro* as suas experiencias magneticas; com a differença de que as *habilidades* d'este charlatão, deixavam uma viva impressão; Carlos ao contrario, tinha empregado n'este passatempo uma graça tão *comica*, que todas as pessoas presentes, á excepção de seu tio e de Luiza, a celebraram com uma gargalhada geral, sem que esta hilariedade tivesse o cunho da zombaria. Luiza dirigio a Carlos alguns olhares de censura, e exprobração, mas esses olhares eram repassados d'uma tristeza tão tocante, que pareciam convidar o mancebo a repelir as suas experiencias. O brasileiro, como era d'esperar, conservou a sua habitual gravidade, pedindo sempre a Deos paciencia, para assistir ao que elle chamava extravagancias de seu sobrinho. É um animal intelligente, o seu Mondego, disse Henrique sorrindo-se. Oh! promette grandes esperanças no futuro! Quem o tem ensinado assim? Eu Sr. doutor; dou-lhe tres lições por dia. E quanto recebe por essas lições; perguntou aquelle sorrindo-se de novo. Olhares furibundos de meu tio, reprehensões do dono da casa, e sobre tudo o que mais me penalisa, é que essas lições não merecem a approvação da menina; ainda hontem me chamou de criança, eu que posso vender juizo e seriedade ao homem

mais serio do mundo! Não acha que é uma paga bem mesquinha? Continuou Carlos em tom pathetico. Tem razão, porém todo esse trabalho reverte em seu favor. Póde em pouco tempo mostrar Mondego como uma raridade nos animaes da sua especie. Assim seria se Mondego fosse meu, mas Luiza reclamará o seu direito de propriedade, não é assim Luizinha? A joven interpellada de repente, e sem o esperar não respondeu, contentou-se em pedir por um olhar a Henrique que desculpasse as impertinencias de Carlos.

Este levantou-se, e começou a assobiar uma aria de *Rossini*.

O doutor aproximou-se do dono da casa, que conversava com seu pai, e tio. N'este meio tempo o brasileiro sentara-se ao pé de Luiza, e procurando dar ás suas palavras um tom de interesse, perguntou. Que tem, Sra. ? está hoje tão triste! Algum pezar occulto, heim? Não, senhor, respondeu ella, sem levantar os olhos do bordado; engana-se, nada tenho. Não, a senhora encobre o verdadeiro motivo que a obriga a chorar em quanto os outros riem. Esta indirecta tocava de perto a Carlos, que ouvia tudo, tambem conhecendo-a, crusou os braços assobiando sempre.

E não sabe, continuou Tristão animando-se gradualmente, não sabe que todos nós nos interessamos tanto por si, que partilhamos sempre da melancolia em que a todo o momento se acha sepultada? Como um desmentido a esta declaração, Carlos deu uma gargalhada. Que é isso? exclamou aquelle voltando-se formalizado para o mancebo. Nada, meu tio, lembrei-me n'este momento d'uma cousa, e não pude deixar de rir. Não, Sra. proseguiu Tristão em tom mais baixo, este seu proceder não é dos mais lisongeiros; é uma declaração tacita, de que não tem pelos amigos de seu pai a mesma amisade e sympathia que elles lhe tributam. Oh! Sr. ! exclamou Luiza com vivacidade; permitta-me que lhe conteste isso; respeito e amô muito os amigos de meu pai, e mormente aquelles, que conviveram com elle, e que até hoje hão dado exuberantes provas da sua afeição por nós. Se não tenho um genio alegre e expansivo, acredite que não deixo de agradecer em silencio, todas as attenções que o senhor, e os amigos de meu pai se dignam prodigalisar-me. O brasileiro, que não esperava por uma refutação tão prompta ás suas exprobrações, balbuciou uma desculpa, e como não podia contar muito com os recursos do seu espirito, mudou de conversa, e continuou fallando com Luiza em cousas que não podem interessar os leitores. Carlos ouvia sempre, mas aborrecido talvez de ouvir essas expressões vulgares que seu tio hia empregando aproximou-se do doutor Rego, que entretido com seus amigos, não prestava atenção ao que se passava na extremidade da varanda. Carlos era um

mancebo de 20 a 22 annos, de estatura alta e elegante, rosto trigueiro e fortemente accentuado.

(*Continúa*).

A. X. RODRIGUES PINTO.

● misterio d'uma noite.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

CAPITULO III.

Gustavo apenas entrou, principiou a examinar tudo com attenção; seu semblante tornou-se pallido, e sentindo uma forte commoção, aproximou-se para o leito que havia no fundo do quarto, com passo apressado. Um presentimento que o fazia estremecer, se tinha apoderado de seu espirito, e sem reparar para nenhuma das pessoas que no quarto se achavam, arredou as cortinas do leito. Ah meu Deus!... disse elle recuando; deixou cahir a cabeça sobre o peito, e ficou pensativo.

Jazia no leito sem movimento uma moça, cujo semblante pallido dava indicios de defunta.

Apezar de estar bastante desfigurada, pelos traços de seu rosto conhecia-se que era Amelia, que tinha estado no camarote do theatro.

Junto ao leito, Mathilde, e uma criada se occupavam em ministrar-lhe os remedios, que julgavam mais a proposito. Então Sr. disse Faustino ao improvisado medico; este pareceu cahir em si; chegou-se para a doente; tomou-lhe o pulso, examinou as pulsações do coração, e principiou a applicar-lhe alguns medicamentos, e dando-lhe ether a cheirar, ella pareceu depois d'alguns minutos recobrar a respiração, e foi com vagar tornando a si.

Todos se conservavam em silencio; Mathilde apezar de preocupada não deixava de olhar com admiração para Gustavo. Amelia tornou de todo a si, e voltando a cabeça, quiz fallar, mas a voz lhe ficou presa, tornou a voltar a cabeça e escondeu o rosto entre as mãos. Minha mãe!... disse ella com voz fraca; o que sentes Amelia? onde estamos? quem está aqui? oh! parece-me um sonho horrivel!... Gustavo voltou-se para Faustino. Vamos para qualquer outro aposento; torna-se necessario deixar descansar a doente e esperemos; então segui-me Sr. Dr. e ambos sahiram do quarto, e foram assentar-se em uma sala do primeiro andar.

Passados alguns instantes Mathilde appareceu.

Ainda está fallando Sra. ? perguntou Gustavo: pedio-me que a deixasse e julgo que deve estar dormitando. Bem, deixai-a em socego, e peço-

vos que me deis licença para fazer-vos algumas perguntas. Pois não. Ambos prestaram atenção ao que iria dizer. Gustavo principiou :

Habitou em outro tempo, isto é, ha cinco annos, esta cidade um homem, que tinha tido um amor extremo por uma donzella, cuja belleza, educação, e alguma fortuna a tornavam seductora. Esse homem não era rico, mas tinha com que viver; e dava-se por feliz sendo amado por ella.

Mas uma terrivel enfermidade veio pol-o em deploravel estado. Faustino prestava grande attenção, e parecia estar assustado.

Para poder restabelecer a saude, era necessario ir viajar, segundo a intimação dos medicos; oh! quanto não sentiram essas duas creaturas na occasião dessa separação!... os juramentos se fizeram, e despediram-se com muitas lagrimas...

O destino parecia fatal a ambos. O navio que conduzia o doente naufragou, e elle apenas pôde salvar a vida!... O seu primeiro cuidado assim que agradeceu a Deos, foi escrever ao unico ente que mais amava sobre a terra, e por amor de quem só queria viver. Passaram-se muitos mezes em continuo escrever, e nunca teve uma só palavra por resposta!..

Oh! ella já o teria esquecido? então aquellas juras tantas vezes repetidas; aquellas lagrimas que a tornavam tão terna, e que eram o espelho da alma, seriam fingidas?... oh! anjo, mulher, ou o quer que fosses, terias sido destinada para atormentar e desgraçar a um homem que vivia em socego?... Maldição sobre ti, se tudo o que fizeste era fingido!

Oh! esse pobre homem tragou um verdadeiro calix de martyrios, e parecia que cada vez mais se tornavam maiores. Passados quatro annos, recebeu uma carta, em que ella dizia, que se tinha unido a um homem que a fizera feliz; que elle pobre, doente e em paiz distante, se contentasse com um adeos eterno, porque, seu marido, queria leval-a a viajar, e nunca mais se veriam!...

Faustino durante esta narração conservava uma phisionomia horrenda; boquiaberto, um olhar espantado, os cabellos irriçados, pallido, e correndo-lhe continuamente um suor frio. Gustavo continuava. Esse homem ainda padecia, e essa carta foi peor que um punhal que lhe cravassem no coração; sua saude empeiorou, seu socego desapareceu, e passava horas maldizendo a primeira vez em que tinha conhecido essa mulher ingrata.

Tudo lhe veio á imaginação, até a vingança mais cruel se lhe mostrou como unico alivio para seu coração tão sentido. Jurou, e seu juramento devia ser cumprido; deixou tudo; e não se importou com o tratamento de sua propria saude, que estava em tanto risco. Confiado em Deos, principiou a procurar, onde se occultariam esses dous entes que lhe eram abominaveis. Oh! Deos

sempre faz justiça e guia o homem justo. Não só descobrio todo o trama que lhe tinham armado, como os autores d'elle, e até por uma casualidade a morada dos dous entes abominaveis!... disse elle levantando-se enfurecido. Faustino estava cabisbaixo, sem poder fallar. Gustavo elevando mais a voz, disse: Sra. D. Mathilde, esse homem que tanto soffreu, sou eu, é Gustavo de Magalhães!... aqui está este anel, que recebi na hora da partida, d'essa mulher ingrata! ide Sra. entregai-o a vossa filha, porque ella não merece se não minha vingança!... Mathilde e Faustino deixaram escapar um grito d'espanto ao ouvir pronunciar o nome do desconhecido; Mathilde cabisbaixa e envergonhada, sahio da sala, e em pouco fechou-se no quarto com sua filha.

(Continúa.)

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

A. M. J.

VI.

Se é licito ao coração que ama engolphar-se a todo o momento n'esses sonhos encantadores e venturosos, que nos transportam a um mundo novo e brilhante d'attractivos; eu vou hoje, minha querida M... pagar-te o tributo saudoso, que te é devido, e dizer-te quanto me é grato recordar as nossas confidencias d'outr'ora!

O sentimento que animará este escripto, fructo d'alguns instantes de profunda melancolia, tu o adinharás no pulsar do teu coração, e como eu cederás á sua influencia. Depois virão esses pensamentos ingenuos, mas cheios de poesia, em que te encontrei algumas vezes engolphada nas margens do nosso saudoso Douro; e se por acaso estas poucas linhas te forem ás mãos, se ao lal-as, ellas te despertarem d'esses sonhos dourados no porvir, accorda bem.

M... porque o presente e a realidade, por uma mutação repentina te dirão que estou longe de ti, e que esses pensamentos, sem a minha presença não terão essa poesia que admirei lá. É pretender muito, eu bem o sei, M... é querer arrogar a mim, um exclusivismo quasi egoista, mas não ignoras que és tu a causa principal d'este muito querer. Não temas porém que eu insista n'essa idéa a ponto d'enfastear-te... a minha ausencia d'esses lugares, eximio-me do direito que tinha de pedir, e hoje só me é concedido implorar.... Quero que estas *paginas intimas* sejam a expressão mais intima dos sentimentos do meu coração, quero que nem por um momento duvides que ao

escrevel-as tenho bem presente a tua doce imagem, e que os teus sorrisos me animam a proseguir, sem que uma idéa d'este mundo em que vivo, venha despertar-me do doce encanto que a tua recordação me inspira; esse encanto que se sabe sentir, mas não explicar. E por isso também, M., que este escripto é innocente, como aquella que o inspirou; é por isso que as expressões tem aquelle cunho de convicção, que não permite a duvida nem a incerteza, e tu mais que ninguem deves conhecê-lo... Não sei como acolherás o tributo que julguei dever enviar-te a duas mil leguas da patria; não sei também a impressão que elle te poderá causar; o que sei, o que te juro, M., é que nenhuma outra mulher soube até hoje arrancar-me esses suspiros saudosos, que parecem querer levar o coração d'envolta com as lagrimas vertidas por mim, longe dos lugares em que passamos os mais bellos dias da nossa infancia!..

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

POESIAS.

Saudades.

Ai! que sempre as saudades
Serão tristes como a flôr,
Como ellas me trazem vivas
Lembranças do meu amor.

Recordo os dias tão bellos
Que em minha terra passei,
Vou lembrar essas venturas
Que bem joven lá gozei.

Lembra-me o ninho paterno
E as caricias d'uma mãe;
Caricias que só tem preço
Para mim e mais ninguem.

Lembro o socego dos campos
Suas bellezas sem fim,
Vejo tudo colorido
A sorrir-se para mim.

Ouçõ o sino da matriz
A chamar para a oração,
E erguer-se a Deos piedoso
Tributos do coração.

Vejo o meu Douro poetico
Em seu leito a murmurar,
E nas arvores que o bordão
O rouxinol a trevirar.

Lembro sempre de continuo,
Lembro tudo quanto amei;
E tenho na noute escripto
O que vi, e lá gozei.

Porém o que hei de mais intimo
Contal-o bem não o sei;
Tenho segredos occultos
Segredos que não direi.

Amo muito e sou amado
Que mais devo desejar?
Estes segredos são intimos
Por que os não devo calar?!

Muito embora as saudades
S'identifiquem na dôr,
Hei de sempre em outras plagas
Fallar d'ella e nosso amor...

Rio, Março 25 de 1856

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Aquella noute...

Tinhamos ambos partido
Da cidade, onde illudido
Por muito tempo vivi;
Douro acima a navegar
Noute bella, e que luar
Que luar como-não vi!...

Sorrias-me sempre quando
O lindo barco oscilando
S'hia quasi a submergir;
Vinhas também p'ra meu lado
Quando o teu e meu passado
Ao longe vias surgir.

Eu pensava, reflectia
Que o meu amor d'algun dia
Não era muito bastante;
Lias em meu pensamento
E adeyinhando o intento
Sorrias no mesmo instante.

Teu sorriso e singeleza
Dissipavam-me a tristeza,
Sentia-me outro, esperei;
A tua e minha esperança
Trouxe-me essa bonança
Porque tanto suspirei.

Que bello porvir sonhamos
E que ambiente aspiramos
Durante a nossa viagem;
Era tudo o que resume
Das lindas flôres perfume,
Era emfim a tua imagem.

O teu rosto que exprimia
E que no meu reflectia
De tu'alma a sensação ;
Esse rosto em que os encantos
Ai de mim, são tantos tantos.
Que prendeu-me o coração.

Essa noute tão fagueira
Em que tu mui prasenteira
Me disseste, amar e crer ;
Essa noute hei de cantal-a
Quanto possa, e recordal-a
Recordal-a até morrer....

Rio, 27 de Março de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

A roza desfolhada.

Linda roza, que nasce nos prados,
Linda filha, do lindo botão,
Desfolhou-se ao verdor da existencia,
Desfolhou-se cahida no chão !...

J. DE L.

Candida, formosa flôr,
Quem no ledô alvorecer,
Da vida sobre o pé tenro,
Faz teu viço emmurchecer ?

Quem, brilhante c'os orvalhos
Suaves, doces, d'aurora,
Qual as per'las engastada,
Te roubou á bella Flora ?

Bambolejavas do zephiro
Ao soprar embalsamado !...
D'aquilões ora batida,
Como foi cruel teu fado !...

Que teu calix d'innocencia,
Quem tão puro o derramou,
Pela terra corrompida,
Que não tremeu, e pasmou !..

Por acaso enregelado
Ar ; soprou-te melindrosa !
Tão gentil pelo bolício,
Já em tempo tão formosa !

Ou da sésta no estio,
Foi o vento queimador ?
Que depois d'arejar mortos,
Te crestou viço, e frescor ?!

Que é feito d'esses perfumes
Suaves, tão deleitosos ?
Que é do nacar, e alabastro,
Que se casavam formosos !...

Minha roza, minha roza...
Quem nunca s'embelecera,
Em teus mimos ; quem delicias
Seductoras não sorvera !...

As auras serenas, puras,
Como outr'ora não te beijam,
Só tufões vertiginosos,
Te fulminam, te dardejam ! !..

Malfadaça... tão mesquinha !
Quem nunca te cultivara...
Quem antes á discripção,
Entre abrolhos te deixára ! !..

Mysterio occulto da vida...
Da vida que eu tanto amava...
Da vida que ora desprezo,
Na terra porque anhelava ! !..

Eras suave em botão
Como a brisa da manhã,
Tinhas encanto, doçuras,
Como tem virgem louçã !...

Agora mirrada e sêca...
Jaz em terra essa folhagem,
Onde prenhe de delicias,
D'innocencia eras imagem.

O Éolo furibundo,
Prostitui-t'e a belleza...
Descrida, pobre flôr !...
Ludibrio da impureza ! ..

Só existes arido tronco,
Para desprezo do solo...
Que o vento a flôr da esp'rança,
Sacodio; torceu-lhe o culto ! !..

JOSÉ ERNESTO DA CRUZ FERREIRA.

VARIÉDADES.

Paciencia de um prezo.

Braz Mascarenhas, portuguez, levado pelo gosto das viagens, deixou a casa paterna para ir buscar em remotos climas objectos de interesse, que lisongeassem a sua imaginação exaltada ; porém logo na primeira viagem teve a infelicidade de ser — captivo dos piratas, que então infestavam os mares da America. Passado algum tempo, conseguiu recuperar a sua liberdade, e se dirigio ao Brasil, aonde se distinguio durante a guerra,

que os intrepidos Brasileiros então faziam aos Holandezes. Voltando á patria, occupou ainda diversos empregos ; sendo por ultimo nomeiado governador do forte de Alfaiates, no tempo que durava a guerra da restauração contra os Hespanhóes. Porém como fosse accusado de traição, foi preso, a arrebatado do seu forte, para ser sepultado n'uma masmorra do castello do Sabugal. Pozeram-no incommunicavel, e sobretudo lhe era severamente prohibido o necessario para escrever. Não podia portanto fazer publico a sua innocencia ; porém a sua imaginação fertil lhe suggerio um meio assaz estranho para o conseguir. Obteve do seu guarda um livro de devoção, para dissipar com a sua leitura tristezas e pezares ; pouco depois alcançou uma thesoura dizendo que era para talhar e remendar o seu facto e d'ahi a alguns dias uma pouca de farinha, para fazer um remedio para molestia que padecia. Teve pois a paciencia de recortar grande quantidade das differentes letras do livro e collocando-as uma a uma sobre as folhas brancas, que havia no principio e fim do mesmo livro, veio por fim deste modo a formar uma extensa epistola dirigida ao rei, narrando-lhe tudo. Teve meio de fazer que esta singular escriptura chegassê ás mãos d'el-rei; o qual, mandando — proceder a informações, reconheceo sua innocencia, e lhe restituiu a liberdade, assim como o seu posto de governador. Como escriptor deixou um poema heroico em vinte contos, intitulado — O Viriato tragico. — A pessoa do nosso heroe anima geralmente as vastas scenas, que apresenta o seu poema, e leva muitas vezes o interesse do seu character ao mais subido gráo. Faleceo pelos annos de 1660.

OS PRETENDENTES

DE

AMELIA

COMEDIA EM UM ACTO

(Continuação).

JULIA. — Eu nunca pude ver enganar a ninguém.

FRANCISCO. — De certo.... de certo.

JULIA. — Era um logro que lhes pregavam, e os senhores na boa fé, cahiam facilmente (*Admiração dos tres*). Meu pai queria fazer um casamento bem singular!

FRANCISCO. — De casarmos com vossa irmã?

JULIA. — (*A'parte, rindo-se*). Ora já se vio tres maridos para uma mulher?! havia de ser muito galante!...

JACINTHO. — (*A Francisco*), de que Diabo se rira ella? É esperta como todos os demonios!

JULIA. — Eu vos explico, Amelia, essa que tanto almejaes para vossa espoza, nunca foi minha irmã; porém é minha mãe.

FRANCISCO. — Heim?!!

ANASTACIO. — Que é?! como é isso então!!

JACINTHO. — (*a Anastacio*). E esta!...

ANASTACIO. — Falle-nos seria, menina!

FRANCISCO. — Ah! explicai-nos... Explicai-nos, que estou impaciente!

JULIA. — Pois se o Senhor está impaciente então deixe-se estar, porque eu estou bem socegada.

FRANCISCO. — (*com moderação*). Está bem, minha amiguinha; contai-nos....

JULIA. — Já lhes disse que Amelia é minha mãe.

JACINTHO. — E a menina está bem certa do que diz?

JULIA. — Esta é muito interessante!... pois não havia de saber o que digo?!... (*à parte*) Tolos. (*alto*) Estava morta por vos enganar, e terminar com este ridiculo papel que estou fazendo; façam os senhores idéa; sendo ella minha mãe, estou obrigada a chamal-a de irmã! nada... nada, quero terminar com isso (*à parte*). De certo, quanto mais cedo melhor.

JACINTHO. — Pois não é assim; os senhores irão procurar outra que lhes faça mais conta, e eu ficarei com ella em paz.

FRANCISCO. — (*a Jacintho*). que dizeis a isto?

JACINTHO. — (*Encolhendo os hombros*). Tem dinheiro....

ANASTACIO. — E porque não?! é uma viuva rica.

FRANCISCO. — Cá por mim não a engeito.

JULIA. — (*à parte*). Tem dinheiro.... é uma viuva rica, cá por mim não a engeito! Que demonios!... não ha remedio se não buscar outros meios. (*alto*) Esperai, ainda vos eu não contei o melhor; mas eu já volto, e não ha de ficar nada para dizer. (*sahe*).

FRANCISCO. — Olha, minha camaradinha, vem cá....

JACINTHO. — É dos demonios esta pequena!

SCENA. V.

OS MESMOS MENOS JULIA.

FRANCISCO. — E que vos parece o velho?

ANASTACIO. — Faz elle muito bem, se eu estivesse no seu lugar faria o mesmo; com a bréca, para que demonio serve o dinheiro? se o não tivesse, eu diria que nos queria pregar um logro; mas uma viuva rica!.. se vós estaes com escrupulo.... eu não regeito.

FRANCISCO. — Oh! nada.... não é isso que eu digo, porém que para o futuro sempre se vem a saber, e elle não nos devia occultar uma cousa tão simples.

JACINTHO. — É que teve alguns receios que nós lhes torcessemos as ventas. Ah!... ah!... ah!...

FRANCISCO. — Cá por mim sempre tive mais inclinação ás viovas do que ás solteiras.

ANASTACIO. — Não são tão ciumentas.

JACINTHO. — Sabem já cuidar melhor dos arranjos de uma casa, e dos interesses de seu marido.

FRANCISCO. — Isso lá é innegavel.

SCENA VI.

OS MESMOS E JULIA.

JULIA. — Finalmente, vou agora contar-vos tudo, tim-tim por tim-tim; não desejo vos occultar nada. O Sr. Ambrosio, porque agora ficou pobre....

TODOS. — Pobre?!...

JULIA. — Sim, porém não digais isso a ninguém, que elle não deseja que se saiba; e me deveis agradecer por vos livrar de semelhante tramoia. Pois querer fazer passar uma viuva por donzella, inda de mais a mais sem doté! E cahir em um tal logro uns negociantes como os senhores!... Ah! eu não pude soffrer um tal desatino, o meu pensamento foi logo o de fazer-vos sciente de tudo.

FRANCISCO. — Mas como sabeis isso camara-dinha?!...

JULIA. — Eu vos explico tudo: estava esta manhã o Sr. Ambrosio lendo uma carta, em que um Mathias lhe pedia uma somma de dinheiro que lhe devia....

FRANCISCO. — Mas... e como dizia essa carta?

JULIA. — Eu lembro-me cá! e esta! nem que a cabeça da gente fosse algum deposito de tudo que se ouve!

FRANCISCO. — Está bem.... mas vosso pai guardou essa carta sem dizer nada?

JULIA. — Sim, ficou elle muito zangado, dizendo: o que eu tenho já me não chega para os meus credores! vou acabar com tudo de uma vez: chamo-os, e entrego-lhes o que tenho, está tudo decidido.

FRANCISCO. — (*Aos companheiros, esfregando as mãos*). Com a bréca; agora podeis tomar conta da viuva.

ANASTACIO. — Tomai vós que sois mais inclinado ás viovas.

JACINTHO. — E vós que não eram tão ciumentas.

ANASTACIO. — E vós que tinheis mais juizo para cuidar nos arranjos de uma casa.

JACINTHO. — Está decidido, não nos serve. (*à parte*) sem dinheiro!... (*Alto*) Mas o que diremos nós ao velho?!...

FRANCISCO. — Cá por mim sei bem o que lhe hei de dizer.

ANASTACIO. — E eu tambem.

JACINTHO. — Meus amigos, não era nada menos que um logro pregado a qualquer de nós! Graças a esta nossa amiguinha, que nos avisou a tempo havemos em paga lhe trazer uma linda boneca.

FRANCISCO. — Muito bem.... muito bem!...

(CANTAM OS TRES).

Nem viovas, nem donzellas
Fazem conta sem dinheiro;
Não seremos mais logrados
Por esse velho matreiro.

(JULIA CANTA).

Moça linda e com dinheiro,
Já mais haveis de apanhar;
Que sceptro do puro amor
Ha de sempre triumphar.
(*Sahem os tres, e fica Julia só*).

(Continúa).

DECLARAÇÃO.

A assignatura para esta folha é paga adiantada, no escriptorio da empreza, rua do Senhor dos Passos n. 77 defronte da igreja. Por anno 6\$000, por semestre 3\$000: para seguir pelo correio por anno 8\$, por semestre 4\$.

O pagamento da assignatura está aberto. As pessoas que até aqui receberam os primeiros sete numeros do segundo semestre são consideradas assignantes.

Os que receberam os primeiros numeros, e depois mandaram suspender, hajam de mandar entregar os numeros recebidos.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO

Rua da Alfandega n. 210.